

Ana de Castro Osório

Amém

*Às Mulheres
Portuguêsas*

Ana de Castro Osório

Às Mulheres Portugêsas



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066413071

ÍNDICE DE CONTEÚDO

Prologo

FEMINISMO

I SER FEMINISTA

II UMA RESPOSTA [1]

III A INSTRUÇÃO

As mulheres e a Politica

Ser português

No anniversario duma Escola

A mulher de ha trinta annos e a mulher de hoje

As pobres mães

A miseria do Povo

A ignorancia do Povo

Mulheres desnaturadas, Mães desnaturadas

A proposito duma gréve [4]

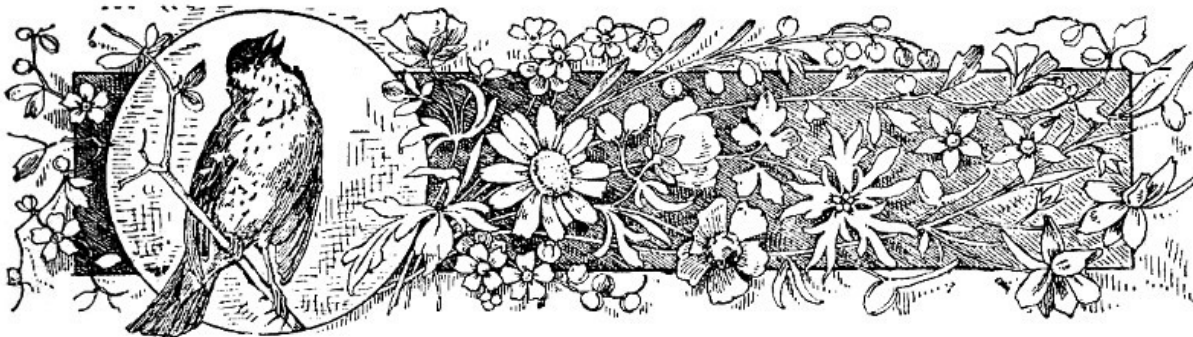
A MULHER EM PORTUGAL

I A MULHER E O CASAMENTO

II A MULHER CASADA PERANTE O CODIGO CIVIL

III A MULHER SOLTEIRA PERANTE O CODIGO CIVIL

IV O TRABALHO DA MULHER



Prologo

[Índice de conteúdo](#)

N

Na incerteza pelo futuro, característica muito acentuada do actual momento historico, não ha ninguem, por mais ferozmente que se ensimesme ou por mais alto que se alheie em sonhos e ficções, que se não surprehenda, um dia, meditando, transido de duvidas, nalgum dos multiplos problemas que agitam a alma moderna.

São tantos e tão variados, tão dolorosos por vezes, recordam tanta lagrima, evocam tanta dôr soffrida pela mísera humanidade—que em vão lhe quer fugir e se debate e grita de desespero, ou ri de inconsciente goso, conforme é alevantada aos ares em triunfo ou mergulhada na indifferente desgraça—que o nosso espirito se detem e pergunta, no augusto silencio da propria consciencia—se vale a pena existir num mundo assim?!

Todos os sinceros têm formulado esta interrogação: uns, fortificados pelo pensamento, no desejo de remediar o mal, concebem a esperanza de trazer, embora com o sacrificio proprio, alguma melhoria á sociedade; outros desanimam, a

mesma dôr os mata ou anula para o trabalho paciente do futuro.

Mas o desânimo e a renuncia é uma dupla falta—pelo que deixâmos de fazer e pelo que consentimos que os egoistas e os sem escrupulos façam impunemente.

Para todos é de responsabilidade a hora presente, na qual, a par de muito crime e muita injustiça, um bello e salubre movimento se opéra por todo o mundo.

Ninguém se poderá isentar dessa tremenda responsabilidade moral, que tanto cabe ao homem como á mulher, a esta mais ainda porque nas suas mãos, com a educação da infancia, que lhe pertence, está confiado o futuro.

Á mulher, pois, ou seja pobre operaria que mal ganha para o pão de cada dia, ou opulenta dama avergada ao pêso dos seus deveres sociaes; ás mães que têm filhos a entrar na lucta pela existencia e que ansiados esperam o conselho, que os guie para a felicidade e para o bem, dos labios que lhes ensinaram as primeiras palavras e lhes deram os primeiros beijos; como ás raparigas que, mal iniciadas nos seus deveres, têm de arcar com um futuro de que nem chegam a comprehender as responsabilidades; a todas, repetimos, corre o dever de se deterem, ao menos um instante, a pensar no remedio a dar a tanto mal e a tanta iniquidade.

Por isso é ás mulheres, e principalmente ás mulheres do meu paiz—que tão insufficientemente são educadas para serem as companheiras e as mães do homem moderno—que me dirijo.

Possa este modesto trabalho corresponder dalgum modo ás necessidades espirituaes da alma feminina, que desperta emfim para uma nobre e mais util missão social.

FEMINISMO

[Índice de conteúdo](#)



I

SER FEMINISTA

[Índice de conteúdo](#)

E

Feminismo: É ainda em Portugal uma palavra de que os homens se riem ou se indignam, consoante o temperamento, e de que a maioria das proprias mulheres córam, coitadas, como de falta grave cometida por algumas colegas, mas de que ellas não são responsaveis, louvado Deus!...

E, no entanto, nada mais justo, nada mais razoável, do que este caminhar seguro, embora lento, do espírito feminino para a sua autonomia.

O homem português não está habituado a deparar no caminho da vida com as mulheres suas iguais pela ilustração, suas companheiras de trabalho, suas colegas na vida pública; por isso as desconhece, as despreza por vezes, as teme quasi sempre.

Mas siga a mulher o seu caminho, intemerata e digna, sem recluir o isolamento como o ridículo—que nem um nem outro atingem o verdadeiro mérito e a sã razão.

Tenha o coração alto e o espírito alevantado; não faça do amor o ideal unico da existencia nem o seu unico fim. Pense no trabalho e no estudo, e deixe que as suas faculdades afectivas se desenvolvam livremente, ou se não desenvolvam mesmo, que isso deve ser indiferente á sociedade. Cuidados de amor devem ser cuidados tão absolutamente pessoais e intimos, que não os assoalhar deveria ser a maior prova de pudor.

Tal não succede, porém. Toda a gente publica os seus affectos, puros ou impuros, verdadeiros ou falsos; e, por mais absurdos, por mais indesculpaveis que sejam, despertam mais sympathia e compaixão do que verdadeiras desgraças sociaes. Na vida real, como no drama, no romance, na poesia, ou na musica, só cai bem no gosto do publico o amavio voluptuoso do amor sentimental.

Assim o quer a sucessão de seculos, em que a mulher foi a reclusa do convento ou da familia, tendo na vida um só fim—*agradar*.

Assim o estima o homem, que fez do amôr carnal o seu culto e da mulher a sacerdotisa desse culto. Mas sacerdotisa que se torna em escrava, deusa que se cobre de injurias e se lança ao monturo das velhas coisas inuteis, logo que o capricho, a paixão dos sentidos, foi como o fumo desfeito no céu sem nuvens.

O homem, passada a idade da poesia, segue triunphante o caminho da existencia, sem mais lhe importar com a sua inspiradora. Da deusa ideal dos seus sonhos faz a cozinheira habil, a dônã de casa ignorante e util, mixto de costureira e governante, a mãe paciente e sofredora dos filhos que são o seu orgulho.

A mulher, em geral, é, quando esposa, a companheira só para a vida banal e mesquinha—que nem por sombras deve abordar os graves pensamentos que preocupam o marido!...

Porque quando o homem, por acaso, encontra méritos intellectuaes que o confraternisem com um individuo do sexo feminino, é rarissimo confessar que a sorte lho deu para companhia da sua vida.

Mas quantas vezes se enganam na escolha, e, por castigo, na companheira ignorante e inferior que procuram para seu descanso, não encontraram, hypocritamente velados por uma habil ingenuidade, todos os baixos instinctos dos seres inferiores?!

Quantos, procurando nas ignorantes criaturinhas que nunca se *poluiram* com o estudo e com o trabalho, as previdentes mães de familia, destinadas a fazer prodigios de economias, de método e de arranjo, não depararam com desditosas mulheres roídas de ambições e vaidades, tanto mais ásperas quanto maior é a sua impotencia para as

realisar—a fantasia só presa nas galanices e módas, inuteis para os trabalhos caseiros como para outro qualquer, sofrendo e fazendo sofrer todos os seus por não possuir o que deseja e vê ás outras, transformando os lares em gehenas onde feras da mesma raça se espesinham e abocanham?!

Quando ao homem fôr dado encontrar facilmente a mulher sua igual, compreenderá quanto era louco preferindo-lhe esses pobres sêres que não têm assumpto para conversa fóra do ultimo figurino, da vida alheia e das criadas e seus costumes.

Compreenderá então o que é o verdadeiro affecto entre esposos, e não mais preferirá essas que hoje diz amar, mas que no intimo despreza, como suas inferiores, que supõe.

E digo que supõe, porque está provado pela sciencia que *intelectualmente* não ha sexos privilegiados, mas unicamente individuos e, quando muito, raças.

Foram os sabios que desmentiram esse grosseiro e velho erro de que o cerebro feminino é menos pesado e consequentemente inferior ao do homem. Foram elles, os mesmos que lhe tinham levantado barreiras sobre barreiras e escreveram sobre cada porta da sciencia o fatal *non possumus*, os primeiros a desmentir-se e a penitenciar-se próbamente a cada manifestação da mentalidade feminina.

Foi a sciencia, fonte de toda a verdade e de toda a justiça, e na qual devemos pôr os olhos como na unica libertadora, que fez cahir por terra esse argumento tão falado da superioridade intelectual do homem, fundando-a no peso do cerebro.

Se a *massa cinzenta* contida no craneo feminino é menor, corresponde harmonicamente ao tamanho do corpo, em regra mais pequeno.

Foi esse o primeiro passo, o mais importante e decisivo, para o triunfo da ideia feminista. Até lá, quando a mulher pretendia estudar, trabalhar, ser um ente de razão e de luz, cahia-lhe como avalanche de gelo, a sufocar-lhe as aspirações, essa cruel e deprimente opinião. E a pobre, se não era um espirito de excepcional brilho ou um character de excepcional tempera, sentia-se amesquinhada aos seus proprios olhos e desistia do enorme esforço requerido para subir onde a multidão das suas pobres irmãs nem sequer se atrevia a pôr as vistas ambiciosas.

Às vezes, ou porque fossem realmente *excepcionaes*, ou porque as condições mesologicas as favorecessem extraordinariamente, dentre as mulheres sahiam algumas que os proprios homens eram os primeiros a reclamar e incensar, mas passando-lhes cautelosamente o diploma de *raridades*, quasi fóra do sexo, sêres híbridos, masculinos pela inteligencia e só fisicamente femininos.

De modo que essas aclamadas, e afastadas do caminho trilhado pela turba-multa das ignorantes, exactamente porque eram superiores e se julgavam intangiveis, abandonavam a causa das suas irmãs, que já não era a sua, concedendo-lhes apenas, e isto nem sempre, a sua piedade diluida em conselhos de resignação e submissão para desempenharem o papel de escravas, nascidas sómente para a felicidade e regalo do homem. Desta maneira, a causa feminina perdia as suas mais legitimas defensoras, deixando nas mãos dos homens os melhores argumentos.

É como algumas esposas, que, por serem ditosas no casamento, porque tiveram a fortuna—que não digo rara—de encontrar para maridos homens inteligentes e justos, encolhem os ombros com indiferença á desgraça das que tiveram destino contrario.

É uma prova de egoismo, que é uma deploravel qualidade, e é, peor do que isso, o abandono duma causa justa que, se não toca individualmente a cada mulher, interessa colectivamente o sexo a que pertencem.

Acabar com os *fenómenos*, com os *monstros femininos*, julgar todos os individuos intellectualmente semelhantes sem distinção de sexo, aptos igualmente a estudar e progredir pelo trabalho, foi sem dúvida o passo definitivo para a libertação feminina.

As mulheres poderão, assim como os homens, distinguir-se pela sciencia, pela industria, pela arte, pelo comercio, pela pedagogia, ou ficarem tão-sómente dônas de casa,—mas fazendo do seu lar a primeira e a mais nobre escola dos filhos.

Haverá, decerto, tal-qual entre os homens, umas que se superiorisam num trabalho, outras em outro, mas serão todas educaveis, todas melhoraveis, todas uteis, laboriosas e conscientes obreiras, ajudando á melhora da grande colmeia social.

As mulheres de hoje não têm desculpa se continuarem na ignorancia e na inactividade, tudo esperando do homem, que as hade procurar para a sua conveniencia.

As escolas estão abertas por igual aos dois sexos e não ha já quem, nesta hora alta da civilisação, se atreva a banir

dellas um individuo que as queira frequentar sob o pretexto da diferença do sexo.

Tempos atrás, quando a mulher pensava em sahir do anonimato da sua missão caseira, tinha apenas por campo aberto á sua actividade, a literatura, visto que é a unica profissão onde o talento e o estudo individual dispensam a educação preparatoria.

Hoje não é assim. Toda a gente aceita uma senhora que tem a profissão de medica, pintora, esculptora, engenheira ou professora, tudo que requer habilitações e estudos publicos, e que lhe tinham ensinado a crêr que nunca poderia atingir por falta de genio criador e persistencia no estudo.

Não se sobresaltem os homens com a concorrência, que é antes auxilio. Pequena, por mal da humanidade, hade ser sempre a percentagem dos cerebros verdadeiramente superiores em qualquer dos sexos. Não é, pois, justo que por falta de educação se percam aptidões que nem sequer chegaram a manifestar-se, talentos de que nem sequer se suspeita...

Se os mais ardentes sectarios dos velhos preconceitos já chegaram á conclusão egoista de que é preciso educar o povo para que se não percam tantissimos talentos que podem beneficiar a humanidade, não é justo—ainda que não seja senão pelo mesmo motivo—condenar á ignorancia, na mulher, metade dessa mesma humanidade.

Dever-se-ha pensar que Clemence Royer, honra e gloria da França, sabia entre os sabios, espirito todo precisão, clarêsa e método, não teria sido o que foi se, por um mero

acaso, tivesse nascido em Portugal ou em outro qualquer paiz, onde, como no nosso, se descure a educação feminina.

As mulheres conservam-se entre nós numa indiferença quasi total pelas conquistas que dia a dia vão marcando um passo de avanço para o triumpho definitivo do espirito sobre a materia, da intelligencia sobre a força, da educação sobre a ignorancia, embora doiradas pela fortuna ou pelos privilegios de classe.

Mas esperemos serenamente, porque á mulher portugêsa hade chegar tambem a sua vez de comprehender que só no trabalho póde encontrar a sua carta de alforria. Não no trabalho esmagador, exercido como castigo, mas no trabalho que enobrece o espirito, que dá o bello orgulho dos que só contam comsigo e nunca foram um peso para ninguém.

E desde que se torne independente pelo seu proprio esforço, desde que saiba agenciar o pão que come, a casa que habita, os vestidos que veste, sem estar á espera do homem, fonte perene de todo o dinheiro que hoje a sustenta—seja como pai, como marido ou irmão—a sua alforria está decretada.

Uma vez será um artigo do codigo que se modifica (porque as leis devem seguir e não preceder os costumes); ámanhã um preconceito que cahe no desuso; depois um habito que se vence; até que obrigações e direitos se igualem entre as duas metades do genero humano, hõje em guerra sob a apparencia do amôr e do respeito social.

Os proprios homens as ajudarão nesse empenho, porque nenhum ha que não seja feminista se a mulher victimada

fôr a sua propria filha, aquella para quem ambicionou maior soma de venturas e de bem estar.

Não ha pai que não aspire a deixar nas mãos de suas filhas, senão um dote em dinheiro—cada vez mais difficil de juntar honestamente, com as necessidades sempre crescentes da vida moderna—pelo menos um dote em educação e aptidões de trabalho que as põha ao abrigo de toda a servidão.

Não haverá pai que se não insurja contra a lei, se vir o marido de sua filha pôr e dispôr da fortuna que lhe deu, e sem que a dõna possa sequer gastar o rendimento. Nenhum que se não indigne se o genro a desprezar ou maltratar, se lhe prohibir qualquer intervenção na educação dos filhos, se a não atender nos seus conselhos e opiniões, se a não consultar para os negocios decisivos da sua vida, se por capricho ou vaidade se oposer a que exerça uma profissão honesta que a dignifique a seus proprios olhos, se, emfim, o homem fizer da esposa o que de facto a lei quer que seja—a menor sem vontade nem discernimento, a *coisa* de que o marido é o senhor, o ser humano pertença absoluta doutro sêr, que devia ser seu igual.

Os homens mais autoritarios e rotineiros como maridos, são, como pais, incapazes de apoiar um estado de coisas que apenas dá por garantia de felicidade á mulher que casa, a bondade, a intelligencia e a tolerancia do marido.

É evidente que, na maioria dos casos, mórmente no nosso paiz onde o homem é bondoso por temperamento, ninguem se importa com a letra do codigo feito para uma sociedade onde a esposa era ainda, ou apenas, uma